

ANÁLISE DO DISCURSO EM FOUCAULT E O PAPEL DOS ENUNCIADOS: PESQUISAR SUBJETIVIDADES NAS ESCOLAS

DISCOURSE ANALYSIS IN FOUCAULT AND THE ROLE OF STATEMENTS: ON RESEARCHING SUBJECTIVITIES IN SCHOOLS

Julia Mayra Duarte Alves¹
Laura Cristina Vieira Pizzi²

RESUMO

Esse texto apresenta os caminhos de uma pesquisa que utilizou a Análise do Discurso (AD) a partir do pensamento de Michel Foucault, principalmente, da noção de que o sujeito não tem uma essência, porquanto sua subjetividade é constituída no e pelo discurso. A investigação buscou observar como garotos são interpelados e subjetivados pelos enunciados que circulam em uma escola pública de ensino fundamental, relacionados ao filé, um artesanato produzido tradicionalmente apenas por mulheres. Foram utilizadas algumas atitudes metodológicas sugeridas por Fischer com base nas contribuições de Foucault: a linguagem e o discurso são lugares de lutas permanentes; os enunciados são raros e, nem sempre, são óbvios e exclusivos; é preciso atentar para as práticas discursivas e não discursivas; é preciso manter uma atitude de dúvida diante dos aspectos investigados. Apresentamos uma discussão sobre essas atitudes e buscamos destacar a função produtiva do discurso e dos efeitos de verdade na produção de subjetividades. O texto visa promover debates na área da análise do discurso, com destaque para dois elementos dessa metodologia inspirada em Foucault: a necessária relação entre o aspecto teórico e o metodológico e o entendimento de que o discurso produz determinados sujeitos. Nesse sentido, a análise do discurso, mais do que desvelar a verdade dos discursos, busca repensar seus efeitos na constituição dos sujeitos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Escola. Subjetividades. Enunciado.

INTRODUÇÃO

Menino não faz filé³, menino pesca, menino trabalha, menino surfa, joga bola, fica na rua, não estuda em casa. Caso faça ou se envolva com o filé, é tido como mulherzinha, como munheca quebrada, como *bichinha*.

¹ Docente do CEDU/UFAL. Mestre em Educação pelo PPGE/UFAL e integrante do grupo de pesquisa "Currículo, atividade docente e subjetividades". E-mail: juliamdalves@gmail.com

² Docente do CEDU e do PPGE/UFAL. Doutora em Educação pela PUC/SP: Currículo e líder do grupo de pesquisa "Currículo, atividade docente e subjetividades". E-mail: lcvpizzi@hotmail.com

³ Artesanato produzido, tradicionalmente, por mulheres. De acordo com Dantas (2002), o filé é uma renda de origem desconhecida, cujo processo de confecção não deixa dúvida de que surgiu a partir da rede de pesca, a tarrafa, com múltiplas influências europeias. De maneira semelhante, Sant'Ana (1989) diz que o filé é uma renda relacionada à população feminina e que apareceu em decorrência da atividade pesqueira, uma vez que, em sua confecção, é imprescindível o uso de uma rede semelhante à tarrafa. No bairro onde

Esses enunciados sobre os modos de ser dos meninos foram observados na escola onde realizamos uma pesquisa e nos fornecem algumas pistas sobre como determinados modos de ser e determinadas subjetividades são produzidos a partir dos enunciados relacionados ao filé, que circulam em uma escola pública de Maceió. Dito de outra forma, como os discursos sobre essa atividade artesanal restringem, ampliam, afetam os modos de ser dos meninos que lá estudam.

A noção de subjetividade aqui utilizada é a de Foucault (2006), que a entende como um efeito de modos de subjetivação e “[...] a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 236). A partir dos enunciados sobre essa atividade que está presente na escola, veiculados pelos meninos/alunos, pelos/as professores/as, pela direção e pelos/as funcionários/as e com base nas ferramentas teóricas fornecidas por Foucault, a pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: como os meninos são interpelados e subjetivados pelos enunciados relacionados ao filé, que circulam em uma escola pública de ensino fundamental?

DISCURSO, VERDADE E SUBJETIVAÇÃO

Foucault procurou saber quais foram os efeitos de subjetivação a partir da existência de discursos que pretendiam dizer uma verdade para os sujeitos sobre eles mesmos. Sobre isso, ele questionou:

Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo? (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Na perspectiva aqui colocada, a subjetividade está estreitamente relacionada às relações de poder. Para Foucault, o poder não atua apenas oprimindo ou dominando as subjetividades, mas, principalmente, participando do seu processo de construção. Eis aí o ponto onde subjetividade e poder se cruzam. Sob o ponto de vista de Silva (1998, p. 10), “[...] a subjetividade e as relações de poder não se opõem: a subjetividade é um artefato, é uma criatura das relações de poder; ela não pode, pois, fundar uma ação contra o poder [...]”. Portanto, a noção de subjetividade aqui tomada não existe fora de um discurso que a produz como tal, o que sugere a existência de uma parceria entre os discursos e os processos de subjetivação.

Considerando que o interesse da pesquisa foi de analisar como os enunciados relacionados ao filé regulam, governam e produzem determinados tipos de subjetividade na escola, precisamos tecer algumas considerações sobre essa parceria que, ao que parece, é sobremaneira produtiva. É no rastro do projeto analítico de Foucault, que mostra, por exemplo, que o discurso sobre a loucura precede o louco, que a pesquisa foi realizada. Foucault observou que a ideia do louco se inscreveu em um discurso e foi captado, criado, nomeado e governado por ele. Mas não foi apenas essa captura que garantiu a intencionalidade da ordem do discurso sobre a loucura. Foi preciso que o louco materializasse esse discurso em suas ações, seus modos de viver, ou seja, de sua

está localizada a escola estudada, a demarcação de gênero nas atividades do filé e da pesca se apresenta como um antigo, mas ainda instigante estranhamento em relação à distância que se estabeleceu entre essas duas atividades que, interessantemente, têm uma estreita amarração em suas técnicas de confecção.

subjetividade, para que o discurso sobre a loucura fosse, de fato, considerado verdadeiro.

É possível perceber que os discursos precedem os sujeitos e as subjetividades e que estas últimas garantem os primeiros. Para Foucault, o discurso nos coloca frente a frente com “[...] uma verdade do homem bastante arcaica e bem próxima, silenciosa e ameaçadora: uma verdade abaixo de toda verdade, a mais próxima do nascimento da subjetividade e a mais difundida entre as coisas [...]” (FOUCAULT, 1972, p. 561). O discurso, nesses termos, possibilita a produção de determinados tipos de subjetividade. Nele, podemos encontrar mecanismos de subjetivação e as táticas das relações de poder que excluem outras possibilidades discursivas, seja interditando, rejeitando ou separando o verdadeiro do falso, ou fazendo tudo isso de uma só vez, conforme aponta Foucault, ao mostrar como a subjetividade vinha sendo abordada em suas pesquisas:

A história da subjetividade havia sido empreendida ao se estudar as separações operadas na sociedade em nome da loucura, da doença, da delinquência e seus efeitos sobre a constituição de um sujeito racional e normal; havia sido empreendida também ao tentar determinar os modos de objetivação dos sujeitos em saberes, como os que dizem respeito à linguagem, ao trabalho e à vida [...] (FOUCAULT, 1997, p. 110).

O pensamento de Foucault é o território no qual podemos pensar e pesquisar a subjetivação sem mergulhar em uma suposta interioridade do sujeito, mas dentro dos jogos discursivos de poder. Com ele, é possível captarmos esse processo, através do discurso, da história do que, de fato, é possível acessar: a exterioridade. Daqui, já podemos retirar um efeito do pensamento de Foucault para a pesquisa: o da necessária ligação entre o aspecto teórico e o metodológico.

O CAMINHO DA ANÁLISE DO DISCURSO REALIZADA NA PESQUISA

Utilizamos na pesquisa algumas atitudes metodológicas sugeridas por Fischer (2003), a partir das contribuições de Foucault. Partimos, então, dos seguintes pressupostos: a linguagem e o discurso são lugares de lutas permanentes; os enunciados são raros e, nem sempre, óbvios e exclusivos; é preciso atentar para as práticas discursivas e não discursivas e manter uma atitude de dúvida diante dos aspectos investigados.

Partir da noção de que o discurso é um lugar de luta permanente é considerar, com Foucault, que o discurso não pode ser visto apenas como um conteúdo representado por um sistema de signos, mas como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 60). Para Foucault, as palavras e as coisas se relacionam de maneira complexa, porque essa relação é histórica, está repleta de construções e interpretações e perpassada por relações de poder. É preciso, então, descrever a dispersão dos acontecimentos discursivos “[...] através dos quais, graças aos quais e contra os quais [...]” (GREGOLIN, 2007) se estabelecem os regimes de verdade.

Considerar que os enunciados são raridades é, conforme exploraremos mais adiante, pensá-los a partir de suas condições de existência, é problematizá-los e localizar seus efeitos de verdade; é questionar sua aparição mostrando, por exemplo, como eles surgem em detrimento de outros que são excluídos, rejeitados e tidos como falsos em determinados momentos e lugares. Nesse sentido, descrever enunciados é entender

como as coisas ditas são acontecimentos que ocorrem em contornos muito específicos “[...] no interior de certa formação discursiva – esse feixe complexo de relações que ‘faz’ com que certas coisas possam ser ditas (e serem recebidas como verdadeiras), num certo momento e lugar [...]” (FISCHER, 2003, p. 373).

A análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante [...] (FOUCAULT, 1996, p. 70).

Atentar para as práticas discursivas e não discursivas é investigar e tornar visíveis os efeitos dessas práticas que tanto podem se exercer a partir daquilo que é “[...] propriamente discursivo (língua, discurso, enunciado) como também podem ser observadas em práticas institucionais (exercícios, rituais, definição de lugares e posições, distribuição espacial dos sujeitos etc.) – práticas que jamais ‘vivem’ isoladamente [...]” (FISCHER, 2003, p. 387, grifo do autor).

É interessante, nessa perspectiva, observar essas práticas produzidas nas relações de saber/poder de determinada época e descrever os enunciados considerados verdadeiros, que estão presentes no cotidiano, interpelando os sujeitos e produzindo determinadas formas de viver. Trabalhar com a dúvida é, então, uma consequência, um efeito de considerar essas primeiras atitudes metodológicas que não pretendem guiar uma comprovação do que já se sabe, mas conduzir a pesquisa por meio de caminho fértil, em que há diversas possibilidades de interpretações, retirando-a do terreno das certezas.

Essas atitudes propõem algumas mudanças nas indagações de pesquisa, quando mostram que é mais interessante perguntarmos sobre “[...] os ‘modos’, as ‘formas pelas quais’ ou os ‘comos’ do que propriamente indagações sobre ‘quais são’, ‘o que é’, por quê’ e ‘para quê’ [...]” (FISCHER, 2007, p. 56, grifo do autor).

Foucault (2012) destacou a função produtiva do discurso e dos efeitos de verdade na produção de subjetividades. Para ele, o sujeito não é uma essência que preexiste à sua constituição na e pela linguagem. Seguindo os rastros de Foucault, Veiga-Neto (2003, p. 120) argumenta que “[...] mais do que subjetivo, o discurso subjetiva [...]”.

Para Fischer (2003), pesquisar seguindo a perspectiva foucaultiana de discurso

[...] é fugir das explicações de ordem ideológica, das teorias conspiratórias da história, de explicações mecanicistas de todo tipo: é dar conta de como nos tornamos sujeitos de certos discursos, de como certas verdades se tornam naturais, hegemônicas, especialmente de como certas verdades se transformam em verdades para cada sujeito, a partir de práticas mínimas, de ínfimos enunciados, de cotidianas e institucionalizadas regras, normas e exercícios. Pesquisar a partir desses pressupostos históricos e filosóficos significa também, e finalmente, dar conta de possíveis linhas de fuga, daquilo que escapa aos saberes e aos poderes, por mais bem montados e estruturados que eles se façam aos indivíduos e aos grupos sociais [...] (FISCHER, 2003, p. 385-386).

A noção de discurso de Foucault se mostrou muito interessante para as análises da pesquisa, uma vez que o objetivo da investigação foi de analisar como ocorrem os

processos de subjetivação na escola, através dos enunciados sobre o filé que circulam em uma escola.

O LUGAR DOS ENUNCIADOS NA ANÁLISE DO DISCURSO SUGERIDA POR FOUCAULT

Em *A Arqueologia do saber*, Foucault (2012) trata o enunciado como um tema central na análise do discurso, por entendê-lo não como uma manifestação psicológica de um pensamento interno da pessoa que fala. Para ele, o enunciado pode, como já colocamos, ter outras formas, além de uma verbalização, pois “[...] um horário de trens, uma fotografia ou um mapa podem ser um enunciado, desde que funcionem como tal, ou seja, desde que sejam tomados como manifestações de um saber e que, por isso, sejam aceitos, repetidos e transmitidos [...]” (VEIGA-NETO, 2003, p. 113). Esse estudioso entende os enunciados como “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 147). São os enunciados, nessa perspectiva, que marcam o que é considerado verdade em determinado tempo e espaço.

Segundo Veiga-Neto (2003), o enunciado é um tipo especial de ato discursivo porque se separa dos contextos locais e dos significados cotidianos para construir um campo de sentidos que devem ser aceitos seja por seus efeitos de verdade, pela função daquele que o enunciou ou pela instituição que o acolhe. Assim, considerando que o sujeito é produzido discursivamente em um determinado lugar e tempo, é preciso empreender “a descrição dos enunciados que nesse tempo e lugar se tornam verdade, fazem-se práticas cotidianas e interpelam sujeitos, produzem felicidades e dores, rejeições e acolhimentos, solidariedades e injustiças” (FISCHER, 2003, p. 378).

As análises da pesquisa foram tentativas de descrever, a partir dos quatro elementos sugeridos por Foucault (2012) e sistematizados por Fischer (2001), os enunciados que circulam em uma instituição privilegiada de produção de subjetividades - a escola. O que importa na análise dos enunciados proposta por Foucault é que sua função se caracteriza por um referencial, um sujeito, um campo associado e uma materialidade específica.

Foucault (2012, p. 110) argumenta que “[...] é preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações, para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente [...]” (p. 108). Nesse sentido, um enunciado sempre se relaciona a alguma coisa que Foucault chama de correlato do enunciado e define como “[...] um conjunto de domínios em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas [...]”. O enunciado está ligado, segundo esse autor, a um referencial que é constituído

[...] de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados das coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado: define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade [...] (FOUCAULT, 2012, p. 110-111).

Em resumo, o referencial diz respeito às condições de possibilidades que definem as regras da existência no enunciado. As análises desse referencial permitem, então, a visibilidade das questões que são colocadas em jogo pelo próprio enunciado.

Outro elemento ressaltado por Foucault é o de que o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada e que precisa ser especificada para não ser confundida com outros tipos de relação. Segundo o autor, o enunciado não precisa comportar a primeira pessoa para ter um sujeito, nem esse sujeito precisa ser idêntico ao autor do enunciado. O sujeito do enunciado seria uma função vazia, que pode “[...] ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado, porquanto um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 113). Portanto, para descrever um enunciado, é preciso determinar qual é a posição que pode e deve ser ocupada pelos indivíduos para ser seu sujeito, é preciso ter alguém que, efetivamente, possa afirmar aquilo que é dito no enunciado.

O terceiro elemento sugerido por Foucault (2012, p. 118) e que deve ser levando em conta nas análises dos enunciados é o fato de existir um domínio associado a eles, uma vez que “[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados [...]”. Esse domínio é constituído

[...] pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento [...] pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados [...] pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência natural, ou sua réplica [...] pelo conjunto de formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro [...] (FOUCAULT, 2012, p. 119-120, grifo do autor).

Qualquer enunciado se localiza em um lugar especificado, pois, segundo Foucault, não há enunciado livre, neutro e independente. Eles estão sempre fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando uma função no meio dos outros, apoiando-se ou se distinguindo deles, uma vez que “[...] não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis [...]” (FOUCAULT, 2012, p.121).

Por último, é preciso que seja reconhecida uma existência material no enunciado. Nesse sentido, questiona Foucault (2012, p. 121): “[...] Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca, apenas por alguns instantes – em uma memória ou em um espaço? [...]”. O enunciado necessita dessa materialidade, pois ela é constitutiva do próprio enunciado que precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data.

Foucault ressalta que sua arqueologia é uma análise da emergência dos enunciados como acontecimentos na superfície discursiva e uma tentativa de descrever

relações entre enunciados que contemplem a descontinuidade imanente à própria noção de acontecimento. Ele sugere que seria importante

[...] descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo [...] (FOUCAULT, 2012, p. 153).

O autor destaca a importância de levar em conta três efeitos ou traços nas análises dos enunciados: o da raridade, o da exterioridade e o do acúmulo. O que Foucault chama de efeito de raridade, na análise enunciativa, é o fato de que esse empreendimento analítico vai querer mostrar não as convergências e as significações que parecem ser comuns em certa época, como as outras perspectivas da análise do discurso fazem, mas “[...] determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 146).

Nesse sentido, a análise enunciativa proposta por Foucault (2012) busca estabelecer uma lei de raridade a partir de quatro aspectos: o primeiro é o de que os enunciados, por mais numerosos que sejam, não dão conta de dizer tudo o que é possível, ou seja, eles estão sempre em *deficit* com o campo das formulações possíveis. Então, os enunciados que surgem não são únicos, são apenas possibilidades, por isso são raridades. O segundo diz respeito à definição de um sistema limitado de presenças, o que implica analisar os enunciados no limite do que não está dito, nos processos pelos quais outros possíveis enunciados são excluídos. Nesse sentido, os enunciados são dependentes desses sistemas e dessas exclusões. Portanto, não são nem exclusivos nem óbvios, são raros. O terceiro é que essa exclusão não quer dizer que um enunciado tome o lugar de outro, porque cada enunciado tem o seu lugar próprio. A descrição dos enunciados deve, então, buscar analisar a posição singular que ele ocupa, que é única e rara. O último aspecto levantado por Foucault é o de que, apesar de os enunciados parecerem tão evidentes por serem transmitidos e conservados, eles não são transparentes nem têm um único sentido, porquanto são desdobrados pelo comentário e pela proliferação interna de sentidos.

A análise das formações discursivas, para Foucault, deve pretender estabelecer uma lei de raridade, cujo objetivo é de determinar, por meio do enunciado, o sistema singular que permitiu seu aparecimento. Nesse sentido, as análises discursivas, ao invés de buscarem uma riqueza inesgotável, devem procurar a lei da pobreza de um discurso e entendê-lo como

[...] um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder, um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2012, p. 147-148, grifo do autor).

Decorre daí que, para realizar a análise enunciativa, é necessário partir da exterioridade, porque são suas condições de possibilidade, as relações de poder e as lutas políticas que caracterizam a existência e os efeitos dos enunciados. Para Foucault, a análise dos enunciados deve tratá-los na forma sistemática da exterioridade, em suas

descontinuidades, mesmo que de forma paradoxal, uma vez que isso não implicaria a existência de uma interioridade. Assim “[...] se encontra libertado o núcleo central da subjetividade fundadora, que permanece sempre por trás da história manifesta [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 148).

A primeira implicação desse tipo de análise é a de que o campo dos enunciados não deve ser pensado como uma tradução de algo que ocorre no pensamento das pessoas, mas reconhecido como um local de relacionamentos e de transformações sistemáticas. A segunda é a de que o domínio enunciativo não deve tomar como referência um sujeito individual, nem uma subjetividade transcendental, mas ser analisado como “[...] um campo autônomo cuja configuração defina o lugar possível dos sujeitos falantes. Não é mais preciso situar os enunciados em relação a uma subjetividade soberana, mas reconhecer, nas diferentes formas da subjetividade que fala, efeitos próprios do campo enunciativo [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 149). A terceira implicação é a de que, ao analisar a história das coisas ditas, não devemos buscar sua natureza, ou seja, a história de uma consciência individual e um sistema de intenções, porquanto “[...] ‘não importa quem fala’, mas o que ele diz, que não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 150), no conjunto das coisas ditas e de suas múltiplas relações. O contexto define o que é permitido dizer e o que não o é. Por isso é interessante tomar os enunciados “[...] pelos contatos de superfície que eles mantêm com aquilo que os cerca, de modo a conseguirmos mapear o regime de verdade que os acolhe e que, ao mesmo tempo, ele sustenta, reforça, justifica e dá vida [...]” (VEIGA-NETO, 2003, p. 127). A leitura dos enunciados deve ser realizada pela exterioridade, e o que mais importa é estabelecer relações entre eles e o que descrevem na tentativa de compreender os exercícios de poder ativados nessas relações.

Para Foucault, a análise enunciativa ainda precisa se dirigir a formas específicas de acúmulo. Nesse sentido, é importante observar que, para analisar os enunciados, é preciso levar em conta a existência de uma memória, de um conjunto de já-ditos. Assim, qualquer sequência discursiva da qual nos ocupemos poderá conter informações já enunciadas. Poderia haver um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. Então, é preciso selecionar os temas relacionados aos esquecimentos e mostrar qual o modo de existência que caracteriza os enunciados, que estão sempre diretamente investidos em técnicas e práticas, isto é, em relações sociais (FISCHER, 2001).

Nesse contexto, Foucault sugere que o sujeito é constituído por meio de uma rede de discursos de saber e de relações de poder. O sujeito é considerado uma construção que ocorre no e pelo discurso e que envolve as relações de poder que ele normaliza e tem como objetivo conduzir condutas. Operar com esse tipo de análise implicou saber como determinados discursos vão se configurando em meio a relações de poder e questionar sobre as condições de possibilidade a partir das quais determinados discursos concorrem para o exercício do poder e a produção de subjetividades.

A respeito dessa produção que se dá discursivamente e em meio a relações de poder, procuramos apreender o enunciado em seu poder de afirmar e de constituir “[...] domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 70).

Escutamos os sujeitos da pesquisa buscando captar os enunciados que se referiam ao filé e as suas associações com as normas de gênero. Essa escuta aconteceu em duas situações distintas e importantes para os propósitos da pesquisa. A primeira envolveu uma escuta em ambientes coletivos - pátio e corredores da escola – e a

entrevista com os/as estudantes, que também foi feita coletivamente. A segunda, em situação privada. Foram entrevistados alguns sujeitos individualmente. Com essa estratégia, pudemos identificar os enunciados que circulavam publicamente e os que não circulavam. Estivemos atentas também aos enunciados que se referiam a outros temas, mas que também falavam das relações entre o masculino e o feminino.

Então, levando em conta que a subjetivação, em termos de gênero, é processada por meio de diferentes temáticas, buscamos captar outras técnicas de subjetivação para além das relacionadas diretamente ao filé. Para isso, construímos alguns agrupamentos dos enunciados dos alunos e dos/as profissionais da escola, com o intuito de identificar possíveis tipos de sujeitos demandados nesses enunciados. Com base em Foucault (2012), observamos quais as normas de gênero que operam nesses enunciados, ou seja, o que é tido como verdadeiramente masculino no currículo da escola.

Notamos que os enunciados operam como códigos de normalização que buscam demarcar como se deve ser menino no contexto da confecção do filé. Elencamos alguns tipos de subjetividades produzidas por esses discursos ao tentar investigar quais os modos de ser menino são solicitados, legitimados e produzidos pelos enunciados que circulam na escola. Procuramos entender como os vários enunciados se fazem presentes, como se relacionam e produzem subjetividades no cotidiano da escola em seu currículo. Tratamos esses enunciados como componentes do currículo. Isso significa dizer que eles ensinam, passam lição de casa, avaliam, aprovam ou reprovam os alunos, porque

[...] a escola tem funções sócio-culturais e econômicas que extrapolam seu caráter oficial de instituição que existe para transmitir “saberes acumulados historicamente”. Sair dessa visão tradicional e iluminista da escola para captar a sua complexidade social e política, através do que ocorre no seu dia-a-dia, é uma das tarefas mais instigantes e ricas para qualquer pesquisador, não apenas de currículo [...] (PIZZI, 2006, p. 27).

Aceitamos a proposta de Foucault (2012) de fazer uma análise ascendente e de descrever os discursos a partir de seus enunciados, tentando captar as diferentes práticas associadas a eles e os seus efeitos.

COMO CHEGAMOS AOS ENUNCIADOS

Durante o primeiro semestre de 2012, foram realizadas observações nos diversos ambientes da escola, entrevistas e um grupo de discussão como meio de acesso aos enunciados sobre o filé que permitiram pensar os processos de subjetivação e de resistência dos meninos na escola. Tanto as entrevistas quanto as discussões do grupo foram registradas por meio de gravador de voz, depois de um prévio acordo com os/as participantes e seus/suas responsáveis⁴.

A pesquisa envolveu os alunos dos anos finais do ensino fundamental (sexto, sétimo, oitavo e nono anos), com idades entre onze e dezesseis anos; um funcionário e uma funcionária, o professor de ensino religioso, a professora de Arte, a diretora, a vice e a coordenadora responsável pelas turmas que são ofertadas no turno vespertino.

⁴ O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC), com o nº de protocolo 1274/2012.

A opção pelas séries finais do ensino fundamental baseou-se nas indicações da pesquisa de Mesquita, et al. (2011). Os autores observaram que, no bairro onde a escola está localizada, os meninos são afastados da confecção do filé logo que vão crescendo, com, aproximadamente, onze ou doze anos, em um momento que coincide com a passagem deles para os anos finais do ensino básico.

A pesquisa na escola foi realizada em três momentos. No primeiro, observamos os diversos ambientes da escola, com o objetivo de estabelecer um contato inicial com os sujeitos da pesquisa e conhecer o cotidiano do lugar. Essas observações foram registradas em diário de campo e, quase sempre, foram atravessadas por conversas informais também registradas nesse instrumento de pesquisa. Os registros foram realizados tanto na escola, durante as observações, quanto fora dela. Em alguns momentos, optamos por não desviar a atenção das situações observadas e, em outros, percebemos que as anotações poderiam inibir os alunos e os/as profissionais da escola.

No segundo momento, realizamos um grupo de discussão com alunos/as do 9º ano. Para isso, utilizamos um roteiro semiestruturado, com o objetivo de fornecer as questões iniciais para as discussões. A opção por centrar nessa turma justifica-se pelo fato de ser composta de uma quantidade menor de alunos/as e com idade mais avançada, o que viabilizou a realização das discussões. O grupo contou com a participação de sete alunos e cinco alunas. De maneira geral, tanto os meninos quanto as meninas participaram da conversa. Entretanto, os meninos falaram mais em público e em voz alta, já as meninas conversavam mais entre si e só falavam para o grupo inteiro quando solicitadas.

Observamos que, quando as discussões se aproximavam da temática da demarcação de gênero associada ao filé, os meninos silenciavam. Por diversas vezes, foi necessário forjar um distanciamento do tema central da pesquisa para tentar desinibir os participantes quanto ao tema que gerava comentários e conversas paralelas entre alguns participantes. Pela reação de risos, de um lado, e de silenciamento, de outro, percebemos que tais comentários se relacionavam com o tema da homossexualidade.

No terceiro momento, entrevistamos alguns profissionais e alunos da escola. A opção por entrevistar a professora de Arte e o professor de Religião foi feita a partir das observações iniciais e dos grupos de discussão, em que os/as alunos/as apontaram essas disciplinas como as que mais abordavam questões relacionadas ao bairro nas atividades curriculares em sala de aula. Entrevistamos a diretora, a vice-diretora e a coordenadora do turno estudado, com o objetivo de identificar os enunciados sobre o filé e as relações de gênero que circulam no âmbito administrativo da escola. Também entrevistamos 11 alunos, com o objetivo de conversar sobre algumas questões mais específicas de suas vidas fora da escola e sobre o filé e que não foram exploradas de maneira satisfatória no grupo.

Convidei aqueles que, durante as observações, envolveram-se em situações mais próximas do problema da pesquisa, por exemplo, um menino que foi apontado publicamente no pátio e ridicularizado por fazer filé. No entanto, nem todos se mostraram disponíveis, talvez pelo desconforto causado nos momentos anteriores. Entrevistamos individualmente apenas aqueles/as que estavam disponíveis.

A ENTREVISTA COMO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NA AD

Rocha, et al. (2004) asseveram que a entrevista vem sendo tratada, frequentemente, como uma técnica que ajuda o informante a expressar uma informação a ser recolhida pelo entrevistador. Essa técnica atua como uma facilitadora da revelação daquilo que o entrevistador precisa saber, ou seja, a entrevista revelaria uma verdade, o

que pressupõe uma concepção de linguagem homogênea, transparente e de sentido, segundo a qual o dito de um sujeito uno corresponde à representação de uma verdade. Essa noção está presente em diversos trabalhos que partem das perspectivas metodológicas de autores/as como, por exemplo Lüdke; André (1986), Chizzotti (1995) e Lakatos; Marconi (1994).

Percebe-se que essa compreensão é difundida nas pesquisas que buscam revelar algo que está oculto nas falas dos sujeitos, por meio da inferência ou do processo de dedução. Nessas pesquisas, cabe ao/à pesquisador/a traduzir o dito e revelar a verdade que estava oculta (ROCHA, et al., 2004). Entretanto, essa noção não foi interessante para esta pesquisa, uma vez que procuramos nos basear no pensamento de Foucault, que entende a linguagem não como representação, mas como produtora, nem como lugar de uma única verdade, mas como algo que produz efeitos de verdade dentro de jogos de poder. Isso significa que, para Foucault, o importante não é estabelecer o que é verdadeiro ou falso, mas “[...] perceber historicamente como os efeitos de verdade eram produzidos através de discursos que, em si mesmos, não eram nem falsos nem verdadeiros [...]” (PIZZI, et al., 2009, p. 21), mas podem se tornar verdade dependendo do contexto.

Foi, então, a partir de Pinheiro (2000, p. 186) e de sua noção de entrevista como uma prática discursiva, como uma “[...] ação (interação) situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade [...]” que pensamos a entrevista como uma estratégia para a pesquisa realizada, em que a linguagem não foi entendida como representativa, mas como produtiva. Nessa perspectiva, a autora coloca que a entrevista não é uma ferramenta que está a serviço da captação de verdades. De maneira semelhante, Rocha, et al. (2004) sugerem que a entrevista não deve ser entendida como um instrumento de acesso à verdade, mas como um dispositivo de condensação de diferentes situações de enunciação, que possibilita o acesso a diversos enunciados ocorridos em inúmeras situações.

É importante ressaltar que isso não faz da entrevista uma mera repetição de coisas anteriormente ditas (ROCHA, et al., 2004). A entrevista é uma nova situação de enunciação, que se dá em outras condições, que está situada num certo tempo, num espaço determinado, com objetivos e expectativas particulares.

Tudo isto que caracteriza a entrevista como situação de enunciação é suficiente para justificar que algo de novo – e de irrepetível, como pressupõe o próprio conceito de *enunciação* – se produza aí, por ocasião de sua realização. Diremos, desse modo, que a entrevista não é mera ferramenta de apropriação de saberes, representando, antes, um dispositivo de produção/captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores (ROCHA, et al., p. 174, grifo do autor).

Seguimos, então, as sugestões de Rocha, et al. (2004) e consideramos os três momentos do uso da entrevista na pesquisa: o da preparação, quando foi produzido um roteiro mínimo contemplando questões relacionadas ao tema da pesquisa; o da realização da entrevista e o que se segue à entrevista, em que foram selecionados os enunciados a serem analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito, neste texto, foi de mostrar algumas ferramentas e estratégias teóricas e metodológicas que permitiram realizar uma pesquisa numa escola através da abordagem da AD, na perspectiva foucaultiana. No campo da educação, as investigações vêm assistindo a um grande crescimento do interesse por Foucault, mas poucos são os trabalhos que ajudam a compreender os caminhos que essas investigações percorrem, quando se trata de ir ao campo da pesquisa, devido à grande variedade de abordagens adotadas. Em particular, quando o campo de pesquisa é a escola, essa escassez se faz notar com mais intensidade. Nesse sentido, buscamos problematizar as estratégias de pesquisa sempre articuladas ao pensamento do autor, destacando a importância dos enunciados para a AD e como eles podem ajudar a coletar e a analisar os dados de uma pesquisa realizada no contexto escolar.

A AD baseada no pensamento de Foucault se mostra um modo de fazer pesquisa sobremaneira interessante, quando o problema é investigar como determinadas subjetividades são forjadas pelos discursos presentes em uma instituição como a escola. Nesse sentido, a análise realizada na pesquisa não procurou desvelar o significado dos discursos que ali circulam, mas destacar seus efeitos na produção de subjetividades dos alunos.

A pesquisa mostrou que, na escola analisada, há um discurso conservador e machista predominante nos enunciados que circulam em seus espaços públicos e que vêm definindo um tipo de subjetividade masculina desejável no contexto do bairro. No entanto, as análises também indicaram que há, como contraponto, um discurso divergente e subjetividades masculinas sendo forjadas na contramão desse discurso dominante, mas que ainda não podem ser abertamente expostas. São subjetividades que colocam em cheque as verdades estabelecidas e que produzem modos de ser questionadores e resistentes.

Os estudos foucaultianos, no campo da educação, têm se constituído para os interessados nas escolas, em particular, nas da rede pública de ensino fundamental, como um campo rico de investigação. A escola é um lugar de produção em massa de determinadas subjetividades. Nenhum empreendimento pode ter caráter mais relevante e político do que analisar as subjetividades que são produzidas nas escolas públicas brasileiras. Sobre esse tema, Foucault e a AD têm muito a contribuir.

ABSTRACT

This paper presents the paths of a research that used Discourse Analysis (AD) based on Michael Foucault's thinking, especially the notion that the subject does not have an essence, since his subjectivity is constituted in and through discourse. The study aimed to observe how boys are challenged and subjectified by statements circulating in a public elementary school, related to file, a craft traditionally produced only by women. We employed some methodological attitudes suggested by Fischer based on contributions from Foucault: language and discourse are places of permanent struggle; statements are rare and are not always obvious and exclusive; one must pay attention to the discursive and non-discursive practices; and it is necessary to maintain an attitude of doubt when faced by the aspects investigated. We discuss these attitudes and seek to highlight the productive function of discourse and the effects of truth on the production of subjectivities. The text aims to promote discussion in the field of discourse analysis emphasising two components of this methodology inspired by Foucault: the relation between the theoretical and methodological aspect and the understanding that discourse produces certain subjects. In this sense, discourse analysis, more than revealing the truth of discourse, seeks to rethink its effects on the constitution of subjects.

Keywords: Discourse Analysis; School; Subjectivities; Statement.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. M. D. 2013. **“Oxe, eu sou macho, professor!”**: a escola e os processos de subjetivação dos meninos em um bairro de Maceió/AL. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez. 1995.
- DANTAS, C. L. **Rendeiras de Riacho Doce**: pesquisa e texto. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2002.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro, n. 114, p. 197-223, 2001.
- _____. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 39-60.
- _____. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 2, 2003, p. 371-389.
- _____. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 48-70.
- FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Campinas: Loyola, 1996.
- _____. Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. Subjetividade e verdade. In: _____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 107-115.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2007.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1994.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MESQUITA, M. R.; ALVES, J. M. D.; MARTINS, M. H. M. Gênero, arte e cultura: discutindo o caso dos rendeiras do Pontal da Barra. In: LEITÃO, H. A. L. (Org.). **Coisas do gênero**: diversidade e desigualdade. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 147-165.
- PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000, p. 183-214.

PIZZI, L. C. V. Pesquisando as diferenças no currículo: contribuições da análise do discurso. In: CAVALCANTE, M. A. S.; FUMES, N. L. F. (Orgs.). **Educação e linguagem: saberes, discursos e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 21-33.

PIZZI, L. C. V. et al. Análise sobre currículo como discurso, texto e narrativa. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (Orgs.). **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo**. Campinas: FE/UNICAMP, 2009, p. 16-29.

ROCHA, D. ; DAHER, M. D. C.; SANT'ANNA, V. L. A. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Revista Polifonia**, Cuiabá, n. 8, p. 161-180, 2004.

SANT'ANA, M. M. O Pontal da Barra através de um parecer. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**. Maceió, v. 41, 1989.

SILVA, T. T. As pedagogias psi e o governo do eu nos regimes neoliberais. In: _____ (Org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 7-13.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.